

São 22 mil metros quadrados, 15 prédios e uma crise de identidade. O pedaço boêmio de Brasília está dividido. De um lado, empresários querem transformá-lo num shopping. Do outro, evangélicos sonham em exorcizar os pecados que fazem do Setor de Diversões Sul uma fascinante cidade dentro da capital

CONIC

Ana Beatriz Magno e Dante Accioly (textos).
Wanderlei Pozzembom (fotos) e Amaro Jr. (infografia)
Da equipe do **Correio**

O policial chega fardado ao cine pornô. É meio-dia de terça-feira, o homem carrega uma pistola na cintura e uma lata de cerveja nas mãos. Entra sem pagar ingresso e senta na primeira fila. “As dançarinas pulam no nosso colo. Adoram um soldado”, diz, enquanto outros três colegas de farda discutem o cardápio do almoço. Foi bife de fígado com purê, prato de R\$ 2,90, engolido às pressas no boteco ao lado. Trocaram a sobremesa pelas carícias rápidas das *stripers*.

Karine vai dançar de barriga vazia. Só pode comer depois do primeiro show — faz quatro por dia e recebe R\$ 10. Mora no camarim do cine Ritz, um arremedo de apartamento com passagem direta para o palco. O lugar está imundo. Há uma calcinha azul esquecida sobre o sofá furado. Não tem chuveiro quente nem gás no fogão. A geladeira quebrou, as janelas e a maçaneta da porta também. O dono do cinema, um maranhense briguento, quiçá avarento, gagueja ao tentar explicar o descuido com as instalações. Seis moças passam a tarde ali. Não podem sair. Os lojistas da vizinhança reclamam.

Dona de uma das 215 lojas espalhadas pelo térreo e subsolo do Conic, Vanessa Regis se assusta com a chegada de uma garota. Fedida a álcool, olhos borrados e inchados, a menina pede para se ver no espelho. Vanessa se rende. “Detesto trabalhar aqui. Tem muita má fama”, desabafa a comerciante. Mas reconhece que a popularidade do lugar lhe garante bons negócios. Trezentas mil pessoas passam diariamente pela calçada em frente à vitrine de Vanessa. A família dela administra quatro das 42 óticas espalhadas pelos 15 prédios do Conic. “O movimento é ótimo, mas tenho medo de ficar aqui à noite.”

O Conic troca de roupa com o cair da tarde. Somem as escriturárias com seus terninhos de crepe e sandálias fechadas. Aparecem as poposudas, de calças atochadas. Homens de paletó desandam a sair do trabalho. Muitos atrasam o retorno para casa,

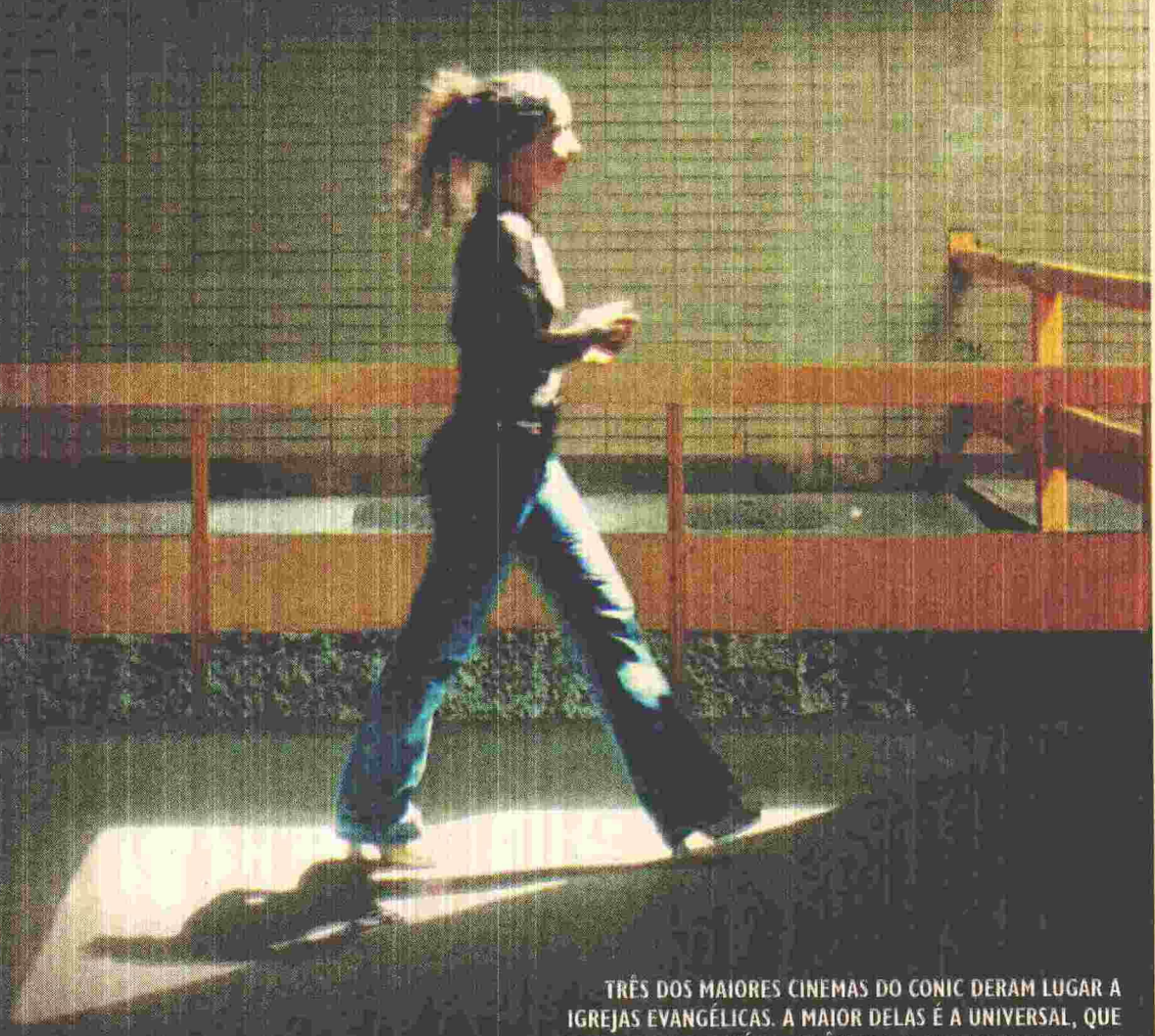
afrouxam o nó da gravata e se entregam ao rebolado do forró nos bares da praça central. É o início da boemia. Estamos no começo da noite de sexta-feira. Os quase dois mil escritórios já fecharam, mas Rodrigo Lopes insiste no serão. Vive de enfeitar os amantes do *piercing*. Fura orelhas, barrigas e genitálias. Adora o Conic. “Vem gente de todo tipo, classe e idade. Aqui é uma cidade”, diz.

A cidade Conic é o avesso de Brasília. Ali, anda-se a pé. Não há setores nem autoridades. É o pedaço dos anônimos. Todos se cruzam. Pastores se embebedam, prostitutas rezam e sindicalistas se apascentam diante dos espetáculos improvisados pelos alunos da Faculdade Dulcina. É o terreno dos marginais. Das lojas que querem ser shopping, mas precisam vender baratinho porque seus clientes não usam o estacionamento. Usam a Rodoviária. É o lugar da rebeldia, dos partidos de oposição. Da sede do PPS, do PC do B e, agora, do comitê de Luiz Inácio Lula da Silva.

“Tudo isso aqui é meu”, berra no amanhecer de sábado o mendigo, conhecido por *Estopa*. Vive com o nariz mergulhado em panos velhos enxarcados de tiner. Dorme e acorda nos becos do Setor de Diversões do Sul. Sim, é este o nome oficial do Conic, apelido herdado da sigla de uma das construtoras ainda na década de 70. “Vim para cá em 72. É um lugar de danações. Danação é vida”, resume Wilson Hargreaves, abrindo as portas da Casa do Livro. O livreiro chega, os boêmios se vão.

A equipe do *Correio* passou dez dias nesse cenário de danações. Descobriu que o Conic vive uma crise de identidade. Há quem queira transformá-lo em shopping com piso de granito e segurança máxima. Outros sonham em exorcizar o Setor de Diversões. Querem organizá-lo, recheá-lo de templos evangélicos. Se conseguirem, vão acabar com o que faz dali uma cidade: o encontro dos mais variados pecados.

A seguir, um pouco dos sete pecados capitais que fazem dos 22 mil metros quadrados do Conic uma deliciosa cidadela tão diferente da capital do poder.



TRÊS DOS MAIORES CINEMAS DO CONIC DERAM LUGAR A IGREJAS EVANGÉLICAS. A MAIOR DELAS É A UNIVERSAL, QUE OCUPA TODO O EDIFÍCIO ATLÂNTIDA. O “ANTRO DO PECADO” TAMBÉM É LUGAR DE ORAÇÃO E LOUVOR A DEUS



AS BOATES E INFERNINHOS DO CONIC SÃO ANIMADOS POR STRIPPERS E ATRIZES ESPECIALISTAS EM SEXO AO VIVO. POR R\$ 10 DIÁRIOS, A MINEIRA KARINE MAXXINNE FAZ QUATRO SHOWS NO CINE RITZ. MORA NO CAMARIM DO CINEMA, UM IMUNDO APARTAMENTO COM PASSAGEM PARA O PALCO